

“O risco de privatização não existe mais”

Formado em Engenharia Civil com especialização em Construção Civil e Estradas (UFSC-1982), foi administrador do Fundo Estadual de Assistência Rodoviária (FEAR) na Secretaria de Estado dos Transportes e Obras (1987/1988); diretor de Apoio ao Sistema Rodoviário Municipal na Secretaria de Estado dos Transportes e Obras (1989/1990); secretário adjunto da Secretaria de Estado dos Transportes e obras (1997/1998), ocasião em que assumiu a pasta, interinamente. De fevereiro de 2003 a março de 2010, foi secretário de Estado de Desenvolvimento Regional da Grande Florianópolis. Ele se afastou do cargo para concorrer a uma vaga na Assembleia Legislativa, ficando como suplente. Exerceu o mandato de deputado estadual de junho a agosto de 2012. Antes disso, em janeiro de 2011, assumiu a diretoria de Operação e de Meio Ambiente da Casan, empresa na qual é presidente desde abril de 2014. Em entrevista exclusiva à **Coluna Pelo Estado**, Gallina falou do bom momento da companhia e dos investimentos que serão feitos para ampliar a cobertura de saneamento básico e de abastecimento de água no estado.



[PeloEstado] - O ano de 2015 foi bom para a Casan?

Valter Gallina - Sim. Fechamos o ano com lucro de R\$ 80 milhões, contra os R\$ 74 milhões de 2014. Estamos muito bem. Viramos o ano com dinheiro em caixa, não temos um único centavo de dívida, pagamos rigorosamente em dia os salários e o décimo terceiro foi pago no dia 15 de dezembro. Uma tranquilidade como há muito a Casan não vivia. A empresa tinha dois grandes desafios. Primeiro, o resgate da autoestima do servidor. Sabíamos que com a autoestima mais elevada, a área operacional iria crescer, algo necessário pelas grandes ações que estamos encaminhando. E aí vem o segundo desafio: o resgate da credibilidade da empresa. Recebi um convite do presidente da Federação das Indústrias (Fiesc), Glauco José Côrte, para fazer uma palestra colocando a Casan como a empresa que mais está oxigenando a economia de Santa Catarina. Como explicar isso? Uma equipe nossa foi a Biguaçu, na Grande Florianópolis, no qual estamos investindo R\$ 40 milhões em obras de esgotamento sanitário. Queria saber o impacto desse investimento para o município. E descobrimos que, apenas no mês de agosto do ano passado, como reflexo das operações da Casan na cidade, foi movimentado mais de R\$ 1 milhão, em material de construção, combustíveis, aluguel de carros e imóveis, alimentação. Só em agosto! Por isso hoje a Casan é considerada importante na oxigenação da economia catarinense.

[PE] - E Biguaçu é só um exemplo.

Gallina - Isso. Nós estamos fazendo obras em mais de 50 municípios catarinenses e nesse mesmo patamar de valor. A Casan tem em torno de R\$ 2 bilhões, que serão investidos nos próximos dois

anos e meio - 80% em saneamento e 20% em água. São R\$ 450 milhões vindos da JICA (Agência de Cooperação Internacional do Japão), outros R\$ 440 milhões financiados pela Caixa Econômica Federal e R\$ 460 milhões são da AFD (Agência Francesa de Desenvolvimento), além de outras fontes de recursos, como o BNDES. Esses financiadores, especialmente os internacionais, verificam a capacidade de endividamento e de pagamento. Vieram aqui, estão muito satisfeitos e aptos a liberar mais recursos.

[PE] - Como a empresa chegou a esse momento tão positivo?

Gallina - Iniciamos firmemente a execução dos projetos. Começamos a lançar as licitações e a iniciar as obras. Temos obras de saneamento em todos os cantos do nosso estado. No Sul catarinense, por exemplo, temos obras e ações em Lauro Müller, Garopaba, Braço do Norte, Laguna, Forquilha, Criciúma, Turvo. No Vale do Itajaí, temos obras em Rio do Sul, Ibirama, Ituporanga, Pouso Redondo, Trombudo Central, Santa Cecília. Vamos iniciar agora as obras de Videira, Caçador e Piratuba. As ordens de serviço para Concórdia e Curitiba, provavelmente, vou liberar nesta semana. São obras de R\$ 40 milhões cada uma, aproximadamente. Já inauguramos as obras de Chapecó. A maior parte é de obras de saneamento, mas tem também alguma coisa de água. No total, temos obras em mais de 100 municípios, ou seja, mais de um terço das cidades catarinenses têm, hoje, ações da Casan em andamento ou para iniciar. Entre estes, 50% recebem investimentos de mais de R\$ 30 milhões e os outros, valores menores.

[PE] - O que todo esse esforço representa para a Casan?

Gallina - Coloca a empresa em um patamar elevado, até porque são obras extremamente necessárias e importantes. Como eu disse, são mais de R\$ 2 bilhões em investimentos até 2018. É o maior valor do Brasil sendo investido em saneamento básico, incluindo todas as empresas do setor e estou falando também da maior empresa do mundo em saneamento básico, que é a Sabesp (Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo).

[PE] - Isso vai mudar o perfil de Santa Catarina no item saneamento, uma fragilidade do estado?

Gallina - É verdade. Santa Catarina é o estado com a melhor qualidade de vida do Brasil graças a vários índices: menor mortalidade infantil, maior longevidade, menor índice de desemprego, menor índice de analfabetismo. Porém, em saneamento básico, ocupamos o vergonhoso 18º lugar. Já melhoramos. Já estivemos em 23º. As obras que estão em andamento ou que vão começar ainda no primeiro semestre de 2016 vão nos colocar na quarta posição. Nos últimos oito anos, evoluímos de 12% para 19% e queremos chegar nos próximos dois anos e meio aos 50%. A melhor condição do país nesse setor é de Brasília, com 66% da população atendida com saneamento básico. Mas é uma briga de leão!

[PE] - Por quê?

Gallina - Os governantes não investiam em saneamento básico porque não dava voto. É obra enterrada, que gera muito transtorno quando está em execução. E depois os cidadãos têm que passar a pagar pelo novo serviço. Mas os governantes estão mudando de pensamento, a começar pelo governador Raimundo Colombo e o vice Eduar-

do Moreira, que viram que nada liga mais à saúde pública que o saneamento básico. Cada real investido em saneamento significa R\$ 4,30 economizados na saúde. E a população está mais consciente, sempre colocando saneamento entre as três prioridades.

[PE] - Existem obras de grande porte previstas também para garantir abastecimento de água?

Gallina - Nós construímos, nos últimos dois anos, 35 novas estações de tratamento de água em pequenos e médios municípios. Temos estações compactas sendo finalizadas em Concórdia, Cunha Porã e Ituporanga, entre outras cidades. Na Grande Florianópolis, concluímos a obra mais esperada nos últimos 15 anos: o floco-decantador, que entrou em operação em meados de dezembro. Foram R\$ 25 milhões para beneficiar 750 mil moradores da região e os visitantes, especialmente na temporada. E estamos abrindo licitação, para dar ordem de serviço em fevereiro, da maior obra de água do Brasil, que fica na região Oeste. Essa ação vai beneficiar os municípios de Xanxerê, Xaxim, Cordilheira Alta e, principalmente, Chapecó. Vamos trazer água do rio Chapecozinho, a partir da cidade de Bom Jesus. A água bruta vai até Xanxerê, passa pela Estação de Tratamento de Água, com capacidade para 1.250 litros por segundo, e vai para o reservatório de 6 milhões de litros que vamos construir também em Xanxerê. Outro reservatório, do mesmo tamanho, será instalado em Xaxim. E uma adutora de um metro de diâmetro vai levar a água até Chapecó pela BR-282. Uma obra de R\$ 225 milhões que queremos ver concluída em dois anos. Isso trará tranquilidade ao Oeste catarinense, que sofre com as estiagens prolongadas. Num

primeiro momento, considerando vários municípios, serão beneficiados 500 mil habitantes. Também estamos melhorando a estação de Concórdia; Pinhalzinho terá uma nova captação a partir do rio Burro Branco; em São Miguel do Oeste teremos uma adutora a partir do poço do Aquífero Guarani para a estação e tratamento. São muitas obras!

[PE] - São vinte anos em dois?

Gallina - Tínhamos que fazer a *mea culpa*, olhar o nosso passivo e reconhecer e aceitar o passivo, buscando a correção. Hoje a Casan não é simplesmente uma empresa pública, mas uma empresa prestadora de serviço público. E temos que fazer algo de excelência, correr atrás da máquina. É dessa maneira que vamos nos consolidar em um patamar mais elevado. Não temos mais o direito de errar.

[PE] - A estrutura da empresa é suficiente para esse crescimento que terá?

Gallina - Nossa estrutura é adequada. Estamos com 2.450 funcionários efetivos, mas, obviamente, no momento em que cada novo sistema de esgotamento sanitário que entrar em operação vai exigir novos servidores. Em 2018 nosso quadro de pessoal será maior.

[PE] - O fantasma da privatização ainda paira sobre a Casan?

Gallina - Tenho a convicção absoluta que, no novo bom momento que a empresa vive, o risco de privatização não existe mais. Parcerias estratégicas, sim. Mas privatização é possibilidade zero. E se fosse uma alternativa, choveria interessados. Mas não é desejo do governador. E muito menos da presidência da empresa.